Opinião Socialista

Ano XIII - Edição 391 - Colaboração: R$ 2 - De 08 a 14/10/2009 - www.pstu.org.br

OLIMPÍADAS NO RIO:
VITÓRIA DE QUEM?

Páginas 6 e 7

MERCEDES SOSA: O ADEUS A "LA NEGRA"

Página 4

HONDURAS NUMA ENCRUZILHADA

Página 9

CAMPANHAS SALARIAIS: ENTRE LUTAS E DERROTAS

Página 10 e 11

PROTESTO I – Um grupo de manifestantes realizou um protesto no último dia 2, quando estreou o filme "Salve geral", que fala sobre os ataques realizados em São Paulo pelo PCC em maio de 2006.

PROTESTO II – A manifestação foi realizada pela associação "Mães de Maio", que reúne familiares das vítimas. Na época, a polícia reagiu matando mais de 490 pessoas. A maioria era inocente.

ANALFABETISMO

Uma pesquisa do IBGE mostrou que o país está bem longe de reduzir pela metade o índice de brasileiros que não sabem ler nem escrever. Em 2000, na Conferência Mundial de Educação realizada no Senegal, na África, o Brasil assumiu a meta de reduzir a taxa analfabetismo para 7% até 2015. No entanto, de acordo com os dados oficiais, ela caiu de 11,5% para pouco menos de 10% nos últimos seis anos. Apesar do programa Brasil Alfabetizado, um em cada dez brasileiros com mais de 15 anos ainda não consegue ler nem escrever.

PÉROLA

"Sou governante dos ricos também. E tenho certeza de que eles estão muito satisfeitos porque ganharam muito dinheiro no meu governo"

LULA, confirmando o que já se percebeu... (Valor Econômico, 17/9/2009)

CHARGE / AMÂNCIO

O VICE DE MARINA?

O presidente da Natura, Guilherme Leal, se filiou ao PV no último dia 30, com um grupo de outros empresários, e não descartou a possibilidade de ser candidato a vice na chapa da senadora Marina Silva em 2010. A Natura é acusada de aproveitamento ilegal do fruto do murmuru, usado na produção de xampus e sabonetes. A acusação é de uso comercial a partir do conhecimento tradicional do fruto pela etnia indígena ashaninka, que vive na fronteira com o Peru. Em 2003, foi assinado um termo de compromisso entre a empresa e o governo do Acre, intermediado pela senadora, para a utilização do fruto.

SUSPENSO

Um relatório do Tribunal de Contas da União (TCU) recomendou a paralisação de 41 obras com irregularidades graves no país. Destas, nove estão na Amazônia Legal. Elaborado para informar ao Congresso a situação das obras, o documento aponta indícios de ilegalidades, como sobrepreço de contratos, superfaturamento e licitação irregular, além de problemas relacionados ao meio ambiente, como a falta de licenças ambientais. Muitas das obras são do PAC de Lula.

AMEAÇA

Sindicalistas colombianos militantes do PST (partido filiado à Liga Internacional dos Trabalhadores) estão sendo ameaçados de morte. Jairo Del Rio e Deivis Blanco, presidente e vice-presidente, respectivamente, do Sindicato dos Trabalhadores de Tubos do Caribe (Sintratucar), da multinacional Tenaris, receberam panfletos com as ameaças. Imediatamente, a entidade iniciou uma grande campanha de denúncia. O assassinato de sindicalistas na Colômbia é uma triste rotina. Milhares foram mortos por paramilitares ou por jagunços contratados pelos donos de empresas.

SEM REFORMA AGRÁRIA

Segundo o Censo Agropecuário 2006, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a concentração de terras permaneceu inalterada nos

últimos 20 anos. Enquanto as unidades rurais com até dez hectares ocupam menos de 2,7% da área total dessas unidades, a fatia ocupada pelas propriedades com mais de mil hectares concentram mais de 43% da área total. Uma realidade que já foi apontada nos Censos Agropecuários de 1985 e 1995-1996. Os dados mostram que a concentração fundiária se manteve no governo Lula.

Chapa da Conlutas e Intersindical vence eleições do Sind-Justiça/RJ

Sandro Barros, do Rio de Janeiro (RJ)

A apuração das eleições do Sindicato dos Servidores do Poder Judiciário do Estado do Rio de Janeiro (Sind-Justiça/RJ) foi realizada nesta quinta-feira, dia 1º de outubro, no auditório da entidade. A comissão eleitoral iniciou o processo às 11h40 e, desde estão, candidatos das três chapas que disputaram o pleito, além de seus apoiadores e funcionários do Sindicato, trabalharam arduamente na contagem dos votos.

Da primeira até a última urna apurada, o clima era de grande expectativa e ansiedade, somadas ao cansaço diante de uma campanha que culminou na coleta de votos por 67 urnas nos três últimos dias de setembro. A tensão só foi aliviada quando o resultado já se esboçava.

Às 6h, a comissão proclamou o resultado oficial: a Chapa 1, que aglutinou ativistas da Conlutas e da Intersindical, venceu as eleições para diretoria colegiada do sindicato e para o conselho fiscal da entidade. Um detalhe importante: o resultado foi aceito democraticamente pelas outras duas chapas.

Além da Chapa 1, concorreram às eleições a chapa 2 (Movimento de Oposição Serventuária) e a chapa 3 (Mudar para conquistar), que teve o apoio da CUT.

UNIDADE PARA LUTAR

Amarildo Silva, eleito coordenador-geral, fez uma declaração enfática após a consagração da vitória da sua chapa: "Antes de mais nada quero agradecer à categoria, que participou de um processo que, de todos os que participei até hoje, foi o mais democrático de todos, além do que, desde 1993, foi o mais acirrado também. Quero agradecer também aos candidatos e militantes da chapa 1, que batalharam incansavelmente junto à categoria para garantir o Sindicato que acreditamos ser o melhor, combativo, democrático e independente dos poderes".

"Faço humildemente um apelo a todos os serventuários lutadores: nós ganhamos as eleições, mas a categoria precisa de mais do que isso. Ela precisa da nossa unidade para conquistarmos um PCCS que nos valorize, para combater a FGV e o assédio moral, entre outros. Sem unidade nós seremos certamente derrotados pelo governo e pelo Tribunal. Não vamos nos dispersar, pois a nossa luta é muito maior que uma disputa eleitoral", finalizou Amarildo, militante do PSTU e da Conlutas.

O mandato, conforme determina o novo estatuto do sindicato, não terá mais as figuras do presidente e seu vice, substituídos por uma coordenação-geral de três integrantes. A duração também muda: dos atuais três passam para dois anos.

RESULTADOS:
Diretoria colegiada
Chapa 1: 1.433 votos (36,4%)
Chapa 2: 1.178 votos (29,9%)
Chapa 3: 1.328 votos (33,7%)
Brancos e nulos: 58 votos

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Gustavo Sixel, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva **DIAGRAMAÇÃO** Carol Rodrigues e Victor Pontes **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 5581-5776 *assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas*

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gaylesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br

ALAGOAS
MACEIÓ - Rua Dias Cabral, 159, 1º andar - sala 102 - Centro - (82)9903.1709 *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ
MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil) (96) 3224.3499 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS
MANAUS - R. Luiz Antony, 823, (92) 234-7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA
SALVADOR - Rua da Ajuda, 88, 301 Centro (71) 3321-5157 *salvador@pstu.org.br*

CEARÁ
FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
BENFICA -Rua Juvenal Galeno, 710, 60015-340.

DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul (SDS)-CONIC - Edifício Venâncio V, subsolo, sala 28 Asa Sul - (61) 3321-0216 *brasilia@pstu.org.br*

GOIÁS
GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência) (62) 3224-0616 / 8442-6126

MARANHÃO
SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550 *saoluis@pstu.org.br*

MATO GROSSO
CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 384-0144

MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736

PARÁ
BELÉM *belem@pstu.org.br*
Passagem Dr. Dionízio Bentes, 153 - Curió - Utingá - (91) 3276-4432

PARAÍBA
JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, (83) 241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ
CURITIBA - R. Cândido de Leão, 45 sala 204 - Centro (próximo a Praça Tiradentes)

PERNAMBUCO
RECIFE - Rua Monte Castelo, 195 Boa Vista - (81) 3222-2549

PIAUÍ
TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br*
(21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja

RIO GRANDE DO NORTE
NATAL
CIDADE ALTA - R. Apodi, 250 (84) 3201-1558

RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409

SANTA CATARINA
FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 77, (48) 3225-6831 *floripa@pstu.org.br*

SÃO PAULO
SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604

SERGIPE
ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530 *aracaju@pstu.org.br*

Veja todas as sedes em www.pstu.org.br

TUDO VAI BEM?

O anúncio da realização da Olimpíada de 2016 no Rio de Janeiro foi comemorado por milhões de brasileiros como uma vitória. Mas foi ainda mais celebrado pelo governo Lula, por ser um trunfo para as eleições de 2010. Vai se somar a outro evento - a realização da Copa do Mundo de 2014 -, à recuperação parcial da crise econômica e à exploração do pré-sal. Todos serão somados como armas para a eleição de Dilma Rousseff à Presidência no ano que vem.

Assim, se reforça a ilusão dos trabalhadores em um governo que é um dos mais antioperários de toda a história brasileira. Mas que é visto pelos trabalhadores como um aliado. Lula é apoiado pela maioria dos brasileiros, que veem nele um caminho para melhorar de vida. Afinal, no governo está aquele que foi a maior liderança operária da história do país.

Os banqueiros e as multinacionais viram em Lula "o cara" certo para fazer os trabalhadores aceitarem o mesmo plano neoliberal de FHC, mas com a impressão de algo diferente. O período de crescimento econômico internacional favoreceu esse plano. Os lucros das multinacionais e banqueiros foram recordes. Mas os trabalhadores entenderam os frutos do crescimento - a exemplo da diminuição do desemprego - e pequenas concessões populistas-eleitorais (Bolsa Família) como uma expressão da "preocupação social" de Lula.

O presidente solidificou a aliança com o imperialismo, cometendo uma das maiores indignidades da história brasileira, chefiando a ocupação militar do Haiti com tropas nacionais. Por outro lado, a recuperação econômica internacional travou o desenvolvimento da crise no país, que poderia causar um sério dano à imagem do governo. Lula faz parte do G-20, dando a ideia ao povo brasileiro de que começa a fazer parte das decisões, quando na verdade se incorpora às responsabilidades de aplicação das decisões dos países imperialistas. Isso o habilitou a ganhar as concessões da Copa do Mundo e da Olimpíada no Brasil.

Tudo isso poderia ser uma via de mão única para o fortalecimento do governo. A aparência é toda favorável a Lula. Mas vai tudo bem mesmo? Ao contrário, está crescendo na base uma insatisfação em relação à situação concreta social, que está piorando. Mesmo havendo uma grande ilusão no governo, a base de tudo isso é a vida material dos trabalhadores. E a recuperação econômica está se fazendo à custa da continuidade do desemprego gerado pela fase aguda da crise, do arrocho salarial, da intensificação do ritmo de trabalho e da precarização das relações trabalhistas da maioria dos trabalhadores no país.

A situação social não está melhorando, está piorando cada vez mais. A recuperação atual significa retomar a farra da grande burguesia e fazer os trabalhadores pagarem os custos da crise, com um trabalho mais pesado e mais arrocho salarial. Isso levou à radicalização das campanhas salariais em curso, assim como às rebeliões de base que ocorreram, a exemplo dos metalúrgicos de Taubaté.

Esse também é o significado da Copa e da Olimpíada: muita festa, muitos lucros para as empreiteiras, corrupção em escala industrial. Junto com isso, uma piora na vida do povo pobre do Rio, que vai ter de enfrentar uma violenta repressão nas comunidades mais carentes para "embelezar" a cidade.

E pode piorar muito mais, quando explodir uma nova crise, quase inevitável.

Nesse período, o papel dos que batalham por um campo de luta dos trabalhadores é duplo. Em primeiro lugar, dar uma resposta às lutas sindicais dos trabalhadores nas condições em que se derem. A Conlutas está dando um exemplo nesse sentido, ao apresentar uma alternativa de direção para as greves de metalúrgicos, Correios, bancários e, agora, petroleiros e funcionários públicos. Uma alternativa de combate, contra o freio burocrático da CUT e da Força Sindical. Foi assim que se produziram rebeliões de base entre os metalúrgicos de Taubaté e também em São Caetano do Sul. Foi assim que se respondeu à traição da greve dos Correios. É assim que se prepara para enfrentar um novo golpe da CUT em bancários e petroleiros.

A Conlutas também faz uma proposta de construção de uma nova central com a Intersindical e setores independentes, que se contraponha à CUT e à Força.

Em segundo lugar, é preciso discutir com clareza uma alternativa política. Isso começa por debater com os trabalhadores que Lula é um governo dos patrões e não um aliado do proletariado. Dizer isso em cada momento, em cada ocasião concreta, a partir das experiências dos próprios trabalhadores.

É preciso também começar a construir uma alternativa eleitoral própria dos trabalhadores para 2010, contrária às candidaturas de Dilma Rousseff e de José Serra. O PSTU já apresentou uma proposta de frente eleitoral com o PSOL e o PCB em base a um programa anticapitalista para sair da crise, sem alianças com nenhum setor da burguesia, e com as candidaturas de Heloísa Helena e Zé Maria.

Até agora, o silêncio foi a resposta à nossa proposta de frente eleitoral. Tampouco existe uma posição categórica quanto à proposta de uma nova central sindical, com alguns setores priorizando as diferenças para justificar a continuidade da separação.

Heloísa Helena já está deixando a candidatura à Presidência e ameaçando apoiar a candidatura de Marina Silva. O abandono da candidatura da ex-senadora é um sinal de que o PSOL está abrindo mão da luta real por uma alternativa conjunta dos trabalhadores em 2010, priorizando a luta por cargos parlamentares, a começar por um mandato no Senado por Alagoas.

Nós queremos fazer um último chamado à luta conjunta em todos os terrenos. Seja nas campanhas salariais, seja na construção de uma central única que una sindicatos e movimentos popular, estudantil e contra as opressões. Seja também em termos eleitorais para 2010. Lembremos que a força dos adversários é enorme, mas que podemos apresentar uma alternativa dos trabalhadores apoiada na insatisfação social, que só deve aumentar até lá.

GRACIAS, MERCEDES! ADIOS, NEGRA, HERMANA HERMOSA!

WILSON H. DA SILVA, *da redação*

Na imprensa burguesa, a utilização de termos estrangeiros numa matéria é, geralmente, indicador de elitismo e esnobismo. Mas, não para nós, revolucionários internacionalistas. Muito menos quando queremos dar nosso adeus a alguém como Mercedes Sosa, que dedicou sua arte e vida ao rompimento das fronteiras, ao desejo de cantar as línguas do mundo.

"La Negra", como era carinhosamente chamada por seus compatriotas, morreu aos 74 anos, na madrugada de domingo, 4 de outubro.

Para quem viveu neste continente nos últimos 40 anos, é impossível resumir a importância dessa mulher, ao mesmo tempo, indígena e universal (nascida em Tucumán, no norte argentino, em 1935) a uma página de jornal.

Nossa melhor homenagem é ouvi-la e cantá-la, sempre. É carregá-la em nossos "corações e mentes", embalando nossos sonhos e lutas pela liberdade; nossos amores e perdas. E, principalmente, dando "gracias a la vida, que nos há dado tanto...". Inclusive o prazer ter tido Mercedes Sosa entre nós e, também, do "nosso" lado.

LA HERMANA LIBERTAD!

Em 1979, quando a Argentina vivia sob a pesada botina do general Videla, Mercedes exilou-se na Europa, depois de ser presa num show em La Plata. O fato deu início a sua projeção internacional, ao ser elevada pelos seus fãs (exilados, como ela, ou oprimidos por ditaduras dentro de seus próprios países) à voz que embalava a luta pela liberdade, não só na América Latina, mas mundo afora.

Na época ela já era bastante conhecida em sua terra, onde, desde os meados dos anos 1960 – quando lançou "Yo no canto por cantar", com clássicos "Canción para mi América" e "Zampa para no morir" –, Mercedes se tornou uma das principais expressões do "novo cancioneiro" latino-americano. Um movimento marcado pela mescla, nos ritmos e letras (na forma e no conteúdo), das tradições culturais dos países latinos, suas paixões políticas e afetivas.

No Brasil, sua voz se tornou mais conhecida a partir de 1976, através de um memorável dueto com Milton Nascimento, um de seus principais parceiros no Brasil (ao lado de Chico Buarque, Elis Regina e Fagner, dentre vários outros), com quem gravou a dilacerante "Volver a los 17". Desde então, seu bumbo, poncho e voz encantadora jamais ficaram muito distantes do Brasil.

A gravação, que lhe custou uma investigação pelos órgãos da ditadura, era a da "mãe" da canção de protesto latino-americana, a compositora e também artista plástica chilena Violeta Parra, que havia se suicidado dez anos antes, depois de deixar poéticos e vibrantes testemunhos de sua luta pela liberdade e de sua conturbadíssima vida pessoal, em letras como "Gracias a la vida", a dolorosamente militante "La carta" ("Me mandaron una carta / por el correo temprano, / en esa carta me dicen / que cayó preso mi hermano....") e a o ultra comovente e anti-racista "Duerme, negrito".

Como também, nos meados dos anos 1970 e início dos 80, foi La Negra, com a voz rasgada e indignada, que nos colocou dentro do maldito estádio chileno, fazendo com que os últimos acordes do poeta, dramaturgo e professor Victor Jara, nunca fossem esquecidos. E, certamente, foi a voz dela que deve ter ninado e acalentado aqueles que padeciam pelos cantos escuros dos calabouços militares que contaminavam o Sub Continente.

LA NEGRA: GRANDE COMO O CONTINENTE

Para muitos de nós, brasileiros que, deformados pela ideologia dominante, às vezes nos esquecemos que somos, também e sempre, latino-americanos, foi também a poderosa e comovente voz de Mercedes que nos guiou pelos vales e cordilheiras dos Andes, pelas ruas de Buenos Aires e Santiago, até a mítica Mocambo de Garcia Márquez, passando pelos labirintos de Cortazar, mas sempre nos deixando perto da Cuba, da Nicarágua, de El Salvador ou onde quer que houvesse alguma luta.

Responsável, como poucos, pela real "integração" latino-americana que precisamos – a das lutas, da cultura e de um novo projeto social e político –, Mercedes trouxe para o Brasil "Cuando voy al trabajo" e "Plagaria a um labrador", de Jará; "Poema 15", de Neruda, e trabalhos de uma infinidade de outros argentinos geniais, como Atahualpa Yupanqui, Horacio Guarany (da belíssima e libertária "Si se calla el cantor"), Tejada Gómez e César Isella (que fizeram juntos "Cancíon con todos").

Desta lista – difícil escolha numa obra deixada em mais de 40 discos – também não podem faltar outros talentos latinos, como Pablo Milañes ("Años"), Felix Luna e Ariel Ramirez (da rasgada "Alfonsina y el mar") e Maria Elena Walsh, autora da resistente "Como la cigarra" ("Tantas veces me mataron / Tantas veces me morir / Sin embargo estoy aqui resucitando / Gracias doy a la desgracia...").

Cumprindo seu papel de "porta-voz" de nossas lutas e sonhos, Mercedes, em suas "andanças", também carregou consigo, coisas nossas como "Semeadura" (regravada com o nome "Seambra"), de José Fogaça e Victor Ramil, ou a "Maria, Maria", desde sempre transformada em hinos das mulheres em luta, continente afora.

Por isso, não foi por acaso que, quando o povo aqui no Brasil foi para às ruas, parou as fábricas, subiu nos banquinhos das escolas e, ao lado de negros, mulheres, gays e lésbica, começou a virar a mesa e subverter a ordem, foi mais uma vez Mercedes Sosa, a hermana-compañera, que embalou as passeatas e ritmou os sonhos de toda uma juventude que, no final dos anos 1970, ao se rebelar contra a ditadura, reatava seus laços com os herdeiros dos Tupa Amaros, dos Bolivares, dos Martís, dos incas e astecas.

VIVIR ÉS OUTRA COSA!

Para os que tiveram o privilégio de ver Mercedes Sosa em sua última passagem pelo Brasil, no ano passado, a imagem que ficou de "La Negra", é de uma figura que lembra aquelas "grandes-deusas", tão presentes nas tradições míticas latino-americanas.

Já bastante debilitada fisicamente, Mercedes mal podia mover-se, mas mantinha sua poderosa voz intacta e com a vivacidade de sempre, fazendo-se gigante e parecendo atemporal (como aquelas figuras que arrancam forças da própria natureza), "La Negra" entoou seus velhos sucessos e canções de um de seus últimos discos, "Corazón Libre".

Testemunho fiel das idéias às quais se manteve fiel até o fim da vida, inclusive a defesa de uma sociedade comunista, "Corazón Libre" é, também, uma espécie de "testamento" de La Negra, na medida em que foi nele que ficou gravado um poderoso verso, no qual a cantora já dialogava com sua morte: "Adelante, corazón, sin medo de la derrota. Durar nos es estar vivo, corázon. Vivir és otrra cosa".

Sim, viver, de fato, é outra coisa. Viver é lutar, sonhar, se indignar, mas também saber tirar o máximo da vida, saber arrancar poesia da "desgraça". E, acima de tudo, viver é ter consciência do nosso papel no mundo. Por isso, não há dúvidas de que Mercedes viveu. E viverá para sempre em suas canções e nossas lutas: Mercedes Sosa, nuestra hermana, libertad!

"PARA A JUSTIÇA, GILDO É QUE FOI CULPADO POR MORRER"

EM ENTREVISTA AO OPINIÃO SOCIALISTA, Gleicimar de Souza Rocha fala sobre a luta contra a impunidade, nove anos após o assassinato de seu marido, Gildo Rocha, militante do PSTU, em Brasília

POR GUSTAVO SIXEL, da redação

A goiana Gleicimar de Souza lembra outras mulheres que tiveram uma parte arrancada. Sua dor é como a das mães da Praça de Maio, na Argentina, ou as de Acari, no Rio de Janeiro. Mulheres que além de perder filhos ou maridos, ainda tiveram de reunir forças para atravessar os anos de impunidade, falta de informação, medo e angústia.

A espera de Gleicimar começou no dia 6 de outubro de 2000. De noite, Gildo Rocha parou em casa, trocou de camisa e seguiu para o centro de Ceilândia, cidade-satélite, na greve da limpeza urbana. "Senti um aperto no peito quando ele saiu", conta Gleicimar. Foi a última vez que esteve com seu marido, um sergipano de Propriá, que viajou ainda menino para a capital do país.

Nove anos depois, ela ainda tenta lidar com a perda. A dor vira revolta, quando o assunto é o judiciário. No dia 14 de setembro deste ano, a Justiça de Brasília deu uma sentença onde praticamente culpa Gildo pela sua morte. Para o juiz, foi "acidental" e "o projétil que o matou só o atingiu em virtude de um desvio de rota". "Palhaçada, mentira", protesta Gleicimar. "Eles ignoraram a perícia, as decisões anteriores, tudo". Ela vai recorrer, agora com advogados do PSTU.

A decisão da Justiça parece mais um obstáculo no caminho desta mulher de 39 anos, que criou os dois filhos do casal, Glênia e Glauber, sozinha. Ainda "reaprendendo a viver", ela espera que uma decisão na Justiça ajude os filhos, hoje com 12 e 10 anos, a lidar com a perda. "Alguém arrancou o pai de junto deles e eles sentem raiva, revolta. Não é bom viver com esse sentimento".

Enquanto fala, Gleicimar revive a dor dos primeiros dias. "Eu não esqueci". Além da Justiça, parece travar uma outra batalha, íntima, para continuar tendo esperanças nas pessoas e em um mundo melhor, como sonhava Gildo:

Gildo em casa casa com a sua família. Para sustentá-la trabalhava em dois empregos

"Se desacreditar, a gente morre de vez, deixa de existir como ser humano".

JUSTIÇA

"Fiquei chocada. Depois de tanta demora... E essa palhaçada. Uma mentirada. O juiz se baseou numa decisão de 2006, do tribunal de Ceilândia, que havia sido derrubada. A perícia já havia mostrado a farsa. E esse juiz se presta a um papel desses... Como fala que Gildo foi o culpado pela sua própria morte, que os policiais não têm culpa?

No começo, não entendia nada de Justiça. Ficava de um lado pro outro. Por isso comecei a estudar Direito. Eu tinha que entender, até para aceitar... Hoje estou no 5° semestre. E quanto mais estudo, mais vejo que não valho nada. Pra quem serve o Direito? É pros grandes, pros mais poderosos. Perto disso aí, a gente não vale nada. Essa justiça aí não existe.

Me pergunto: será que vale a pena ficar lutando por uma Justiça que a gente não vê? Mas por outro lado, tem os meus filhos, eles não podem viver com essa revolta tão grande"

A FARSA

"Eles [policiais civis] chegaram de madrugada, num carro comum, armados, e não estavam uniformizados. É natural que o Gildo tentasse fugir.

A Justiça fala que eles atiraram para acertar no pneu. Mas nenhum dos 12 tiros acertou no pneu. Ele sabia o que estava fazendo. Há dúvidas até se o tiro tenha sido de dentro do carro, na perseguição. Pelo ângulo, não daria...

Havia um hospital a um quilômetro e meio, mais ou menos. E levaram mais de meia hora pra levar o Gildo. Chegou quase morto. O sangue tinha se espalhado, atingido o pulmão, e aí não tem mais jeito. Eles esperaram até que isso acontecesse".

MEDO

"O trauma foi muito grande. Tenho medo até da sombra. Tenho a sensação de que eu fui morrendo aos poucos. Tenho medo, não sei com quem eu tô lidando, com o que podem fazer.

O assassino [Romildo Brito], o que confessou que deu os 12 tiros, morreu em um acidente de moto há pouco tempo. Quando esse cara morreu, fui parar no hospital, fiquei 90 dias afastada do trabalho. Achei que iam me matar".

DESPEDIDA

"Gildo ligou e falou que ia pro piquete. Saiu do sindicato [no centro de Brasília], passou em Taguatinga, e depois veio aqui em casa, em Ceilândia. Entrou, tirou a blusa comprida que estava [no comércio tinha de usar essa blusa, social], vestiu uma camiseta e saiu pro centro de Ceilândia. Na hora, eu senti um aperto no peito.

Gleicimar de Souza ainda luta por justiça

Quando foi seis da manhã, recebi um telefonema avisando. Comecei a gritar, gritar. Foi um tumulto. Vieram os vizinhos e minha filha ficava repetindo: "meu pai morreu, meu pai morreu". Com 3 anos! O meu filho estava com febre e chorava no colo. Nós dois chorando. Saí do enterro direto para o hospital com ele.

Eu levei um choque muito grande. Eu esqueci quem era. Fiquei uns 15 dias sem lembrar. Foi muito difícil. Eu tive de reaprender a viver".

GILDO

Ele sempre gostou de política, desde menino, 16, 17 anos. Sempre teve interesse. Ele foi do PT e começou sua atividade política no SLU [Serviço de Limpeza Urbana]. Lutava muito pelo direito do trabalhador, ele amava isso.

Tinha dois empregos: de dia, auxiliar de almoxarifado, no comércio. E, à noite, no SLU.

O sonho dele era só ficar no SLU, e militando.

Conheci ele no SLU. A gente trabalhava na limpeza e se conheceu lá, começamos a namorar. Eu pedia pra ele parar um pouco, diminuir. Ele dizia: tá no sangue, não tem jeito não. Teve um período até em que ele se afastou. Quando engravidei, ele veio ajudar mais na casa, ficar com a gente...

Quando vieram boatos sobre privatização, ele falou: 'Agora tenho de voltar, ajudar o pessoal. Isso é muito ruim, não pode deixar acontecer'. No dia em que foi morto, havia defendido a favor da greve, na assembleia. Tem até foto dele no carro de som naquele dia. Ele falou: 'É agora ou nunca. Se a gente não fizer a greve, o SLU tá acabado'. E todo mundo levantou a mão.

Pra mim o Roriz é o grande culpado. Ele foi muito covarde. Tinha dado ordem para que fosse reprimida qualquer atividade grevista... com rigor. A gente sabia que ia ser uma guerra".

REVOLTA

"É preciso um reconhecimento do Estado. Quando se mata um pai, uma mãe, se mata uma família.

Foi uma perda muito grande. Era um excelente pai, excelente marido. Eu não sabia como iria ser o futuro, mas eu tinha uma alegria muito grande, porque sabia que meus filhos iriam ter um pai. Eu não tive e sei como é ruim.

Eles sentem raiva, revolta. Alguém arrancou isso deles. É preciso que os meus filhos não tenham esse sentimento.

Glauber não lembra nem um pouco do pai. Só por foto. Na escola, a pior época é quando chega o Dia dos Pais. Sempre ouço de um coleguinha a mesma história: a de que ele chorou na sala de aula".

PARTIDO

"Eu sei como o caso é importante para o partido. Gildo faz parte do PSTU. E ele é importante para o partido. É preciso que a memória dele seja lembrada. Então agora deixei o processo na mão de vocês e confio.

Hoje, se Gildo fosse vivo, teria orgulho de pertencer a este partido, que mesmo depois de tantos anos continua sendo o mesmo desde o início.

O Gildo sonhava com um mundo diferente, uma sociedade justa. Eu sei que é difícil, mas tem de ter esperança. Se todo mundo desacreditar, a gente morre de vez. Simplesmente, a gente passa a não existir mais como ser humano".

Olimpíadas no Rio: vitória de quem?

JEFERSON CHOMA, da redação

OLIMPÍADAS Ao anunciar que o Rio de Janeiro será a sede da 28° edição dos Jogos Olímpicos em 2016, uma onda de entusiasmo nacionalista explodiu pelo país. Afinal, a capital fluminense será a primeira cidade da América do Sul a abrigar uma edição na história do evento.

Ao lado de muitas manifestações de alegria honestas e genuínas do povo, governantes e cartolas não perderam a oportunidade de faturar com a decisão do Comitê Olímpico Internacional (COI). O presidente Lula aproveitou para despejar um bombardeio de declarações ufanistas, enaltecendo o potencial brasileiro. "Finalmente, o Brasil vira um país de primeira classe", disse aos prantos, enquanto uma gigantesca campanha de mídia, liderado principalmente pela Rede Globo, reproduzia à exaustão as declarações "dos políticos" sobre o "orgulho de ser brasileiro".

Poucos apostavam que o Rio seria escolhido no lugar de Madri, Tóquio ou Chicago. Essa última cidade teve o apoio de Barack Obama durante a disputa. O próprio Carlos Arthur Nuzman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), que agora será o chefe oficial da preparação dos Jogos, confessou: "agradeci, porque realmente não estávamos preparados". O escritor Paulo Coelho, presente na comissão, até prometeu "plantar bananeira" na praia de Copacabana, caso o Rio fosse escolhido.

VITÓRIA SOBRE OS RICOS?

Após o anúncio, a imprensa comemorou entusiasticamente o que para ela representou uma vitória sobre Obama e o lobby dos países ricos. Será? Difícil acreditar. Para Alberto Murray Neto, do Tribunal Arbitral do Esporte e ex-presidente do COB, a decisão foi "uma hipocrisia" do COI. "Tentaram fazer história à custa do desespero dos pobres", escreveu no jornal Folha de S. Paulo do dia 3 de outubro.

Segundo Murray, um dos membros do COI, cujo nome ele não revelou, teria dito: "o que ocorre no esporte do seu país hoje fede". Ciente dos desmandos e da corrupção que assola o esporte nacional, por que então o comitê tomou a decisão favorável ao Rio? Tudo indica que a decisão pode ter sido uma espécie de "concessão" ao Brasil, com a Copa do Mundo de 2014, expressando o crescente papel do país e do governo Lula como aliado das nações imperialistas em nível internacional.

O Brasil é parte dos BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China), grupo de países com peso econômico importante, agora associado ao G-20. Lula é "o cara" dos governos imperialistas, o ponto de convergência da política das multinacionais para a América Latina, de tal maneira que banca a ocupação militar no Haiti (veja página 12). Reforçar o peso de um governo como este é uma grande jogada política das multinacionais e uma aposta econômica segura de bons negócios.

População do Rio comemorando na praia de Copacabana, o fato do Rio sediar as olimpíadas

REALIDADE VERSUS FICÇÃO

Todo o otimismo propagado pela mídia contrasta com a situação esportiva do país, que não escapa dos graves problemas sociais e econômicos. É esse contexto que explica nossos ridículos resultados em competições internacionais. E pouco mudou após a realização dos Jogos Pan-Americanos em 2007, apesar de todo o entusiasmo nacionalista criado pela imprensa. Na Olimpíada de Pequim, o Brasil terminou em 23° lugar no quadro de medalhas, atrás da Jamaica (do espetacular velocista Usain Bolt) e de países africanos como Etiópia e Quênia.

Repetindo a mesma demagogia da época do Pan, o governo promete incentivar o esporte brasileiro. Para isso, no entanto, é preciso mais do que vídeos de ficção e discursos. É necessário encarar os problemas sociais de frente, condição chave para o desenvolvimento do esporte brasileiro. Para mudar o acesso do povo a educação, alimentação, saúde e esporte, é preciso, antes de tudo, mudar radicalmente a estrutura social do país. Ou seja, transformar radicalmente a política econômica. Algo que este governo não fez e nem vai fazer.

Sob o governo Lula, o Brasil continua no pódio da desigualdade social. É o décimo país mais desigual no planeta, segundo o novo relatório do Índice de Desenvolvimento Humano da ONU. Essa é a realidade olímpica que nenhum delírio nacionalista é capaz de esconder.

Como ressaltou o jornalista esportivo Juca Kfouri logo após a decisão do COI: *"Foi um belíssimo show, é pura ficção o que nós vimos, daqui a pouco vai começar a realidade"*.

UMA OBRA DE FICÇÃO

O Rio exibido "ao mundo" no vídeo assinado pelo cineasta Fernando Meirelles simplesmente não existe. É pura ficção. Como também o são as declarações de Lula, do governador Sérgio Cabral, do prefeito Eduardo Paes e de todos os oportunistas encastelados no COB. Toda essa gente está engajada numa "olímpica" campanha ufanista para ganhar a simpatia do povo e induzi-lo a uma sensação de otimismo generalizado. Assim, escondem os enormes problemas do país e do Rio.

Para a maioria do povo, a Olimpíada no Rio está sendo literalmente vendida como a solução de todos seus problemas. Num passe de mágica, os gravíssimos problemas sociais que afligem a cidade maravilhosa desaparecerão. Os Jogos vão acabar com a violência e o tráfico, além de melhorar os serviços públicos e ainda permitir a "inclusão social" de milhares de jovens pobres, afirmam Lula e aliados.

Difícil, porém, é entender como alguém pode ser "incluído socialmente" onde a miséria é a principal barreira ao seu desenvolvimento. A dura realidade na periferia e nas escolas públicas é a de jovens que vivem sem nenhuma prática esportiva. Como não existem políticas e investimentos públicos no setor, os atletas brasileiros ficam à mercê do patrocínio privado que, respeitando a lógica de mercado, só investe dinheiro quando há "garantia de retorno".

Além disso, o esporte no Brasil é refém de seus gananciosos dirigentes. O COB de Arthur Nuzman, por exemplo, está longe de ajudar no desenvolvimento do esporte nacional. É uma entidade-empresa cuja finalidade é organizar megaeventos desportivos com o intuito de obter lucro.

UM PRESENTE PARA OS EMPRESÁRIOS

E lucro é exatamente o que a Olimpíada mais vai proporcionar aos empresários. O projeto do Rio foi apresentado como o mais caro entre as candidaturas. Na previsão do governo, os gastos dos Jogos em 2016 serão de 25,9 bilhões de reais, ou seja, seis vezes mais do que o valor empenhado para organizar o Pan-Americano, que custou 3,7 bilhões. A maior parte da verba virá dos cofres dos governos, especialmente do federal. Só para efeito de comparação, os recursos para a Olimpíada representam metade do orçamento da saúde para este ano, pouco mais de 50 bilhões de reais.

Como no Pan, não há dúvida de que todo esse dinheiro será uma enorme fonte de corrupção envolvendo empresários, políticos e cartolas. Uma auditoria do Tribunal de Contas da União (TCU) nas contas do Pan-Americano constatou vários indícios de corrupção e superfaturamento. A primeira avaliação do custo total da competição foi de 410 milhões de reais, em 2002, mas terminou em 3,7 bilhões, um crescimento fabuloso de 793%. Um exemplo dessa farra com o dinheiro público foi a construção do estádio João Havelange, o Engenhão. Orçado inicialmente em 74 milhões de reais, a obra custou 380 milhões.

"Se o Pan foi aquela coisa horrorosa de gastança de dinheiro público, imagina então o que vai ser da Olimpíada. E o que houve de melhoria estrutural depois do Pan? O trânsito no Rio está cada vez mais caótico, os hospitais são ineficientes, a rede de hotelaria idem", questiona Murray.

Além disso, os preparativos para o Pan foram acompanhados por uma violência policial brutal contra os moradores das favelas, com chacinas e mortes de inocentes. A ação mais famosa da polícia foi no Complexo do Alemão, conhecida como a chacina do Pan. Na ocasião, o aparato repressivo de Cabral e Lula realizou uma operação de "limpeza" para tirar pobres e negros das ruas e, assim, não estragar a festa. Policiais posaram para capa de revistas ao lado dos cadáveres como se estivessem exibindo sua caça abatida em um safári. Essa odiosa operação de limpeza vai ser ainda mais cruel às vésperas dos Jogos de 2016.

Ação da polícia durante o Pan

JATINHOS E TRAMOIAS

Um indício dessa promíscua relação entre governantes e empresários apareceu poucas horas antes do anúncio do COI. Para chegar à Dinamarca, sede do comitê, Sérgio Cabral e Eduardo Paes viajaram no jatinho particular do empresário Eike Batista, considerado o homem mais rico do país.

O custo da viagem foi bancado pelo bilionário, que havia investido até a semana passada 23 milhões de reais na campanha Rio 2016. Eike tem vários negócios no estado e hoje negocia com fundos de pensão de estatais a compra de parte das ações na Vale. Questionado se a viagem de jatinho teria alguma relação com as oportunidades de negócios proporcionadas pela Olimpíada, o governador respondeu: "Imagina. Imagina. Ele é um empresário que quer o bem do Rio".

Outra pista do que vem por aí são os gastos do próprio Comitê Rio 2016. De todas as candidaturas, a carioca é a única que não revelou ainda o total de gastos com a campanha. Mas um levantamento feito pela imprensa mostra que ela deve ter consumido pelo menos 100 milhões de reais, a maior parte de dinheiro público.

Muitos dizem que a solução é adotar medidas de transparência para evitar a corrupção. Mas parece que o governo não está nem aí para o problema. No dia 5, Lula disse que questionar a transparência dos investimentos previstos para os Jogos Olímpicos é um argumento para diminuir o papel do Brasil.

"Eu acho que ficar com esse argumento agora, que eu já ouvi algumas pessoas dizerem, seria colocar o Brasil outra vez no papel pequeno que alguns querem colocar todo santo dia", disse.

Grandes mesmo serão a roubalheira e a festa dos empresários.

O temor com a farra com o dinheiro público foi justamente o que levou os moradores de Chicago, nos Estados Unidos, a criarem uma campanha contra a realização da Olimpíada na cidade. O principal argumento levantado por eles era o de que havia outras necessidades prioritárias, levando-se em conta a crise econômica.

CONLUTAS REAFIRMA OS EIXOS DA CAMPANHA "O PETRÓLEO TEM QUE SER NOSSO"

COORDENAÇÃO NACIONAL DE LUTAS denuncia que novo marco regulatório de Lula é continuidade do projeto de FHC

CLARKSON MESSIAS, diretor do Sindipetro AL/SE e AMÉRICO GOMES, DO INSTITUTO JOsé Luís e Rosa Sundermann

A reunião da Coordenação Nacional da Conlutas, que ocorreu de 2 a 4 de outubro em São Paulo, reafirmou sua posição de que o novo marco regulatório apresentado pelo governo Lula é uma versão atualizada, adaptada e um complemento à Lei de FHC, não uma contraposição a ela.

O projeto mantém o regime de concessão para 100% das áreas fora da mancha do sudeste do pré-sal, quando geólogos afirmam que pode existir petróleo da bacia de Sergipe e Alagoas até a de Pelotas. A perspectiva de barris de óleo nessa região pode chegar a mais de 300 bilhões. Destes, somente 50 bilhões estarão na área de contratos de partilha. Lembrando que 30% da área do pré-sal já foi leiloada, onde está o complexo Pão de Açúcar, que pode conter até 20 bilhões de barris. Quer dizer, o filé mignon do pré-sal no Sudeste já foi entregue.

Modelo de partilha do governo Lula é ainda pior que o de FHC

Mesmo o regime de partilha para os 71% das áreas não leiloadas do pré-sal não tem coeficiente mínimo para o óleo excedente. O que, por sua vez, não garante um percentual mínimo do petróleo a ser extraído. Ou seja, esse regime de partilha é pior que o de concessão.

ENTREGA

A capitalização da Petrobras é uma das maiores entregas do patrimônio nacional. Ela vai se dar da seguinte forma: serão cedidos, supostamente pagos, 5 bilhões de barris de petróleo a 10 dólares o barril. Eles valerão, depois de extraídos, cerca de 70 dólares cada, ou 350 bilhões no total. Isso para que a Petrobras seja capitalizada em 100 bilhões de reais. Os 250 bilhões restantes serão doados, sem qualquer ônus, aos acionistas privados que detêm 67,2% da Petrobras, sendo 40% deles de capital estrangeiro.

A criação de uma "nova estatal" fará com que a estatal se transforme em uma grande terceirizada, uma prestadora de serviço dessa nova empresa. A Petrobras será pressionada pela nova estatal e as outras consorciadas a diminuir custos de exploração e produção. O que significará mais exploração dos trabalhadores e menos gastos em prevenção de danos ao meio ambiente e às comunidades.

O chamado fundo social que o governo quer fazer tem, na verdade, como principal finalidade fortalecer o mercado financeiro, pois determina que somente o rendimento das aplicações financeiras será destinado às áreas sociais. Seu montante irá para o mercado com o objetivo de proporcionar "rentabilidade e liquidez". Quer dizer, primeiro os banqueiros nacionais e estrangeiros. Depois, a população.

PELO MONOPÓLIO DO PETRÓLEO E UMA PETROBRAS 100% ESTATAL SOB CONTROLE DOS TRABALHADORES

A Conlutas defende o restabelecimento do monopólio estatal do petróleo e uma Petrobras 100% estatal, sob o controle dos trabalhadores e dos movimentos sociais. Estes devem desenvolver uma administração estratégica das reservas, direcionando-as para a satisfação das necessidades da população nas áreas mais carentes como saúde, educação e desenvolvimento agrário. Que sirvam também para diminuir as emissões de gases poluentes e desenvolvam a pesquisa de energias limpas alternativas.

UNIFICAR AS LUTAS CONTRA O PROJETO DE LULA

Infelizmente, na IV Plenária de Guararema (espaço de organização da luta em defesa da Petrobras estatal e contra a entrega do petróleo), realizada no final de setembro, alguns

Apesar de não concordar com alguns pontos, a Conlutas integra a campanha de unidade na luta pelo monopólio estatal do petróleo e por uma Petrobras 100% estatal

companheiros e organizações sociais, tendo à frente a FUP (Federação Única dos Petroleiros) e a CUT, apresentaram a proposta de rebaixar nossas bandeiras políticas.

Aceitam o regime de partilha, pois o veem como um avanço e, consequentes com isso, aceitam a criação de uma nova estatal e querem centrar nossa campanha na luta por um coeficiente mínimo. A divisão de nosso movimento neste difícil momento da luta poderá nos levar à derrota.

Os eixos programáticos formados na III Plenária de Guararema é que dão sustentação à nossa unidade.

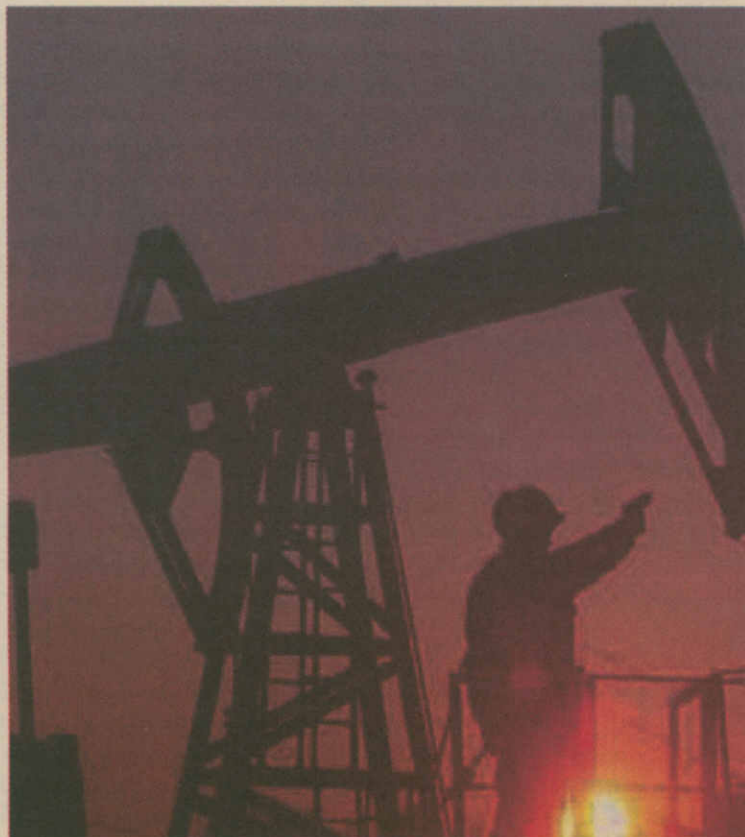
A direção da FUP, em uma manobra para enganar, lançou uma proposta de Projeto de Lei que defendia, entre outras coisas, a indenização das grandes multinacionais e a manutenção da ANP (Agência Nacional do Petróleo). Acreditamos que um projeto dos trabalhadores não deve propor a indenização das grandes multinacionais petroleiras como Chevron, Exxon-Mobil e Shell, nem a manutenção da ANP.

Os petroleiros ligados à Conlutas foram contra essa proposta na reunião da FNP e em várias assembleias de base de sindicatos da FNP e da FUP. No entanto, a maioria das entidades da FNP e dos movimentos sociais decidiu aderir ao projeto da FUP, transformado então em "Projeto dos Movimentos Sociais".

A Conlutas, por isso, apesar de discordar de uma série de pontos, se somou às entidades que assinam o projeto para solidificar a unidade do movimento, garantindo que seja intensificada a campanha em torno de seus principais eixos políticos: monopólio estatal do petróleo, Petrobras 100% estatal, anulação de todos os leilões, e não à criação da nova empresa estatal.

Reafirmamos, porém, que essa luta somente poderá ser coerente se for contra o novo marco regulatório do governo Lula.

JORNADA DE LUTAS PELA SOBERANIA NACIONAL

A Conlutas aprovou que, entre 28 de outubro, dia da manifestação nacional pela redução da jornada de trabalho, e 10 de novembro, quando ocorre a votação dos projetos de Lula no Congresso Nacional, vai realizar a Jornada de Lutas pela Soberania Nacional. Serão atos, greves e manifestações em defesa do monopólio estatal do petróleo e da Petrobras 100% estatal. Exigiremos ainda a realização de um plebiscito nacional sobre o tema.

HONDURAS NUMA ENCRUZILHADA

MANUEL ZELAYA E GOLPISTAS falam em negociação, enquanto zelayistas freiam novos protestos

***JEFERSON CHOMA**, da redação*

Nos últimos dias, a situação política em Honduras tomou um rumo favorável a uma saída negociada. Manuel Zelaya, que está refugiado na embaixada brasileira em Tegucigalpa, cercada por militares, disse no último fim de semana que aceita modificações no Acordo de San José, conhecido também como Plano Arias. O acordo previa o retorno de Zelaya ao poder, mas com poderes limitados. Além de garantir que os golpistas não sejam punidos, a medida manteria a estrutura de poder econômico e político de Honduras, ou seja, nenhuma das instituições que apoiaram o golpe (Congresso, Corte Suprema, Forças Armadas, Igreja etc.) seria afetada. Dessa forma, a reivindicação da Assembleia Constituinte – bandeira assumida por todos os que lutam contra o golpe – é simplesmente abandonada.

Os próximos dias serão decisivos para o futuro da luta. No dia 7, desembarca no país uma nova delegação da OEA (Organização dos Estados Americanos) para criar as condições para o acordo, desde que o estado de sítio seja revogado, o que ocorreu na segunda-feira, dia 5.

Apoiadores do governo golpista também falam em retomar o Plano Arias para pôr fim ao conflito. O Partido Nacional, que há três meses foi defensor da destituição de Zelaya, agora fala em "diálogo", assim como os meios de comunicação e a Igreja Católica. Já os empresários se adiantaram em propor algumas reformas ao Acordo de San José. O setor propõe a restituição de Zelaya, mas prevê que ele seja submetido aos tribunais para responder por supostos crimes que teria cometido.

Essa situação provoca uma crise entre os lutadores contra o golpe. Há um descontentamento com o processo de negociação. Ao mesmo tempo, as mobilizações populares vivem seus piores momentos, reunindo apenas um setor de vanguarda ou dispersas pela capital.

No caso de Tegucigalpa, as marchas de milhares converteram-se em poucas dezenas de pessoas. Dessa forma, o setor zelayista da direção da Frente Nacional de Resistência Contra o Golpe vem freando os protestos nos bairros e impedindo a realização de uma greve geral ou uma grande paralisação nacional.

Ativista com bandeira da Frente Nacional de Resistência contra o Golpe

Por fim, em meio a muita crise interna, a frente publicou um comunicado no último dia 5 sobre as negociações. O documento foi resultado de um intenso debate de três dias e expressa uma tentativa de resistência ao processo de negociação.

Ao final, foram aprovados por consenso a retirada da ditadura do poder e o fim do estado de sítio; a reintegração imediata de Zelaya, de forma incondicional, e a libertação dos presos políticos. Por fim, a frente se mantém comprometida com a luta pela Constituinte.

"A BASE DA FRENTE NÃO QUER DIÁLOGO COM OS GOLPISTAS"

PARA FALAR SOBRE OS RUMOS que a luta contra o golpe vem tomando, o Opinião entrevistou Tomás Andino, integrante da Frente de Resistência

***JEFERSON CHOMA**, da redação*

Opinião - Como estão as mobilizações neste momento? A luta contra o golpe se restringe aos bairros? Há alguma perspectiva de greve geral ou ação centralizada nacionalmente?

Tomás Andino – Agora predominam as mobilizações do tipo marchas, tanto na capital, Tegucigalpa, como em vários departamentos do país, como Santa Barbara e Colón (onde ocorreram bloqueios em massa de estradas), Olancho, Comayagua, Atlantida e Intibuca (onde houve marchas e caravanas). As lutas dos bairros em Tegucigalpa não se estenderam em nível nacional e, com o decreto de estado de sítio, tiveram certo recuo, não por falta de combatividade, mas devido ao fato de a Frente [de Resistência Contra o Golpe] não ter dado orientações específicas para apoiar essas lutas locais, e porque o fechamento da rádio Globo e do canal 36 desmoralizou as bases.

No entanto, neste próximo domingo, 4 de outubro, será realizada uma grande assembleia de todos os comitês dos bairros da cidade para tentar marcar uma luta sincronizada para a próxima semana. A direção da Frente mostra-se a cada vez mais tímida, lenta e conservadora para chamar as mobilizações. Não organizou conscientemente a luta nos bairros, e também mostra indisposição em organizar bloqueios de estradas e mais ainda uma greve geral ou paralisação cívica.

Esta situação causa muito descontentamento na base, entre dirigentes intermediários e de cúpula. Há um descontentamento especialmente entre o magistério e nas regiões. Minha hipótese é que suas atuações têm estado condicionadas pelas orientações de Manuel Zelaya, transmitidas por meio dos representantes do Partido Liberal na Frente. Em razão do descontentamento, a base está se ausentando muito das mobilizações centrais e prefere fazer qualquer coisa em seus bairros.

> Os golpistas chamam o diálogo porque está acabando o tempo para as eleições. Sabem que não podem concorrer se a crise continuar

Depois do estado de sítio e do fechamento de meios de comunicação, alguns integrantes e apoiadores do governo golpista falaram sobre "disposição em negociar", inclusive Oscar Galeano, chefe da principal entidade patronal do país. O que você e os ativistas da Frente pensam sobre isso?

Tomás Andino – Os golpistas chamam o diálogo porque está acabando o tempo para as eleições [previstas para novembro]. Sabem que não podem ir às eleições se a crise continuar, em especial se a agitação nos bairros continuar sendo uma ameaça latente. Por isso, a política pró-diálogo de Zelaya lhes favorece. Mas, neste ponto, os golpistas têm tido sua mais importante divisão: alguns iniciaram o diálogo (os empresários, as igrejas, os políticos e as ONGs), enquanto os militares e a polícia, que influem decisivamente sobre Micheletti, reagiram endurecendo as medidas de exceção, como o estado de sítio. Ambos os setores se enfrentaram no Congresso Nacional e Micheletti saiu perdendo porque seu decreto foi recusado. Ainda assim, ele vacila em revogá-lo porque teme a luta popular.

A base da Frente não quer diálogo com os golpistas, ainda que alguns dirigentes, em especial os liberais e da UD [Unificação Democrática], que são políticos, desejariam que a Frente não só apoiasse, mas participasse do dito diálogo para chegar a um acordo e participar do processo eleitoral. Desafortunadamente, a condução da Frente está tornando-se cada vez mais burocrática e restringe a discussão deste ponto, devido à influência dos liberais. Mas essa situação não poderá se sustentar por muito tempo. A esquerda da Frente defende uma condução mais democrática para debater na base estes temas e aprofundar a mobilização e sua autodefesa. Este debate ainda não é dominante, porém, começa a se dar progressivamente.

POR QUE IMPORTANTES LUTAS SÃO DERROTADAS?

NESTE INÍCIO DE SEMESTRE, batalhões pesados da classe trabalhadora foram à luta. Mas o que explica derrotas como as dos trabalhadores dos Correios e dos metalúrgicos do ABC?

DA REDAÇÃO

Categorias de peso da classe trabalhadora deixaram a defensiva e foram à luta neste segundo semestre. Metalúrgicos, operários da construção civil, bancários, funcionários dos Correios, entre outros importantes setores, realizaram, ou fazem, greves heroicas e mobilizações em busca não só de reposição da inflação, mas de aumento real nos salários.

Os trabalhadores revelam um outro lado da recuperação econômica, não mostrado pelo governo ou pela imprensa. A economia de fato passa por um crescimento momentâneo, mas a enxurrada de demissões que marcou a chegada da crise ao país não foi compensada. Resultado: um menor número de trabalhadores arca com o crescimento dos serviços ou da produção, gerando superexploração para aumentar os lucros dos empresários. Situação muito nítida entre os metalúrgicos ou os bancários, que sofrem com as demissões provocadas pelas fusões no último período.

PAPEL DAS DIREÇÕES

Se, por um lado, os trabalhadores demonstram grande capacidade de luta, por outro, as direções sindicais do movimento mostram claramente o seu papel. Nos chamados batalhões pesados da classe trabalhadora, os esforços das atuais direções nas campanhas salariais estiveram a serviço de um único objetivo: impedir uma mobilização longa e desgastante para o governo. Para isso, fazem acordos rebaixados e, quando a base da categoria se revolta, lançam mão de manobras para enterrarem, de qualquer forma, a luta.

Exemplo disso foi a heroica greve nacional dos Correios. Deflagrada no dia 15 de setembro, a paralisação logo demonstrou uma enorme capacidade de luta dos trabalhadores da empresa, que recebem os piores salários entre as estatais, além de enfrentarem péssimas condições de trabalho.

Entre as reivindicações, 41% de reposição das perdas salariais dos últimos anos, além de R$ 300 de reajuste para todos. Logo no início, a greve atingiu 33 dos 35 sindicatos que compõem a Fentect (federação que reúne as entidades representativas dos funcionários da estatal). De início, a empresa propunha apenas a reposição da inflação. A mobilização, porém, foi tão forte que a forçou a apresentar uma alternativa em pouco tempo.

A proposta da empresa, porém, continha uma armadilha indecente. Ela apresentava 9% de reajuste, mas válido para dois anos, ou seja, acabava com a possibilidade de campanha salarial em 2010. O objetivo era muito claro: além de impor um reajuste rebaixado (considerando o período de dois anos), o acordo protegia o governo do desgaste de uma eventual greve em ano eleitoral.

O chamado acordo bianual gerou uma briga no comando de negociação, dividindo a direção, composta principalmente pela Articulação e a CTB. No entanto, nos estados, as direções agiram para desmontar a mobilização. Assim, a CTB aprovou o fim da greve nas três principais bases que dirige e que compõem a maioria: Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. Para isso, lançou mão de manobras e mentiras, por exemplo, a garantia de pagamento dos dias parados.

Apesar da combatividade dos funcionários, essa direção sindical conseguiu enterrar a greve, não sem antes sofrer um duro desgaste na base.

Metalúrgicos da GM obtiveram vitória

CTB enterra greve dos trabalhadores dos correios

METALÚRGICOS SE REVOLTAM CONTRA CUT

O papel da direção sindical, seja CUT, CTB ou Força Sindical, também ficou evidente na campanha salarial dos metalúrgicos das grandes montadoras. Em Gravataí (RS), onde a categoria é dirigida pela Força, e Camaçari (BA), comandada pela CTB, os sindicatos fecharam acordos que mal repunham a inflação.

Os acordos rebaixados não impediram que explodisse a mobilização em outras bases, como no Paraná, onde os operários entraram em greve. Já na maior e mais tradicional base operária do país, no ABC, o sindicato dirigido pela CUT firmou um acordo rebaixado com as direções das montadoras, garantindo reajuste de apenas 6,53%.

Mesmo índice fechado pelo sindicato cutista de Taubaté (SP). Como se não bastasse, tentaram vender o acordo como "o maior reajuste" do país. Isso num contexto em que as automobilísticas, pela isenção de IPI concedida pelo governo, tiveram vendas e lucros recordes.

Pouco tempo depois, os metalúrgicos de Campinas e São José dos Campos, em campanha salarial conjunta, conquistaram reajustes superiores. Os sindicatos, ligados à Intersindical e à Conlutas, após mobilizações com ampla pressão e paralisações, fecharam acordos que garantiam 10% de reajuste em Campinas e 8,3% em São José.

Esse resultado fez explodir uma revolta na base dos metalúrgicos da Volks e da Ford em Taubaté. Indignados, os operários forçaram a realização de assembleia, aprovaram greve e fizeram o sindicato renegociar o índice. A entidade, porém, conseguiu apenas uma pequena modificação no bônus e acabou logo com a greve.

ERA POSSÍVEL MAIS

Do começo ao fim, a campanha salarial nas montadoras foi um retrato fiel do papel dessas centrais. Primeiro, a direção da CUT se recusou a pôr em marcha uma campanha unificada. Saíram para a negociação sem mesmo ter um índice. Depois, aprovaram um acordo rebaixado que, além de isolar as lutas que se desenvolviam, tornou ainda mais difícil a negociação nas outras bases.

A mobilização e a campanha salarial vitoriosa em São José e Campinas tornaram-se referência e expuseram por completo a traição da CUT, provocando ampla indignação em suas próprias bases. Mostraram ainda que, além de se recusarem a mobilizar, também agiam para bloquear qualquer luta em potencial.

Novas derrotas são preparadas

DIREÇÕES ARMAM novas traições em bancários e petroleiros

Greve dos bancários

Mesmo com essa direção, grandes lutas ainda se desenvolvem no país. A principal delas, a greve dos bancários, caminha para a segunda semana. A paralisação começou no dia 24 de setembro e foi resultado da intransigência dos banqueiros na mesa de negociação durante a campanha salarial.

Apesar dos lucros estratosféricos (só neste semestre os maiores bancos lucraram mais de 14 bilhões de reais), os banqueiros ofereceram um reajuste irrisório aos funcionários de apenas 4,5%, ou seja, que apenas repõe a inflação. Além disso, a proposta de PLR (Participação nos Lucros e Resultados) oferecida é menor que a do ano passado.

A greve nacional dos bancários, assim como a mobilização nos Correios, começou já muito forte, paralisando a categoria em todos os estados simultaneamente. E qual o papel da direção nela? A Contraf - CUT (Confederação Nacional dos Trabalhadores no Ramo Financeiro), dominada pela Articulação, reivindica um índice de reajuste extremamente rebaixado. Eles pedem 10%, enquanto a categoria amarga uma defasagem salarial de 24%. Ou seja, o índice imposto pela Contraf é menos da metade das perdas.

Se essa defasagem já é grande no geral, nos bancos públicos é ainda maior. Os bancários do Banco do Brasil acumulam perdas de mais de 80%, enquanto esse índice supera os 90% na Caixa Econômica Federal. No caso dessas instituições, a direção da Contraf joga um papel ainda mais traidor. Nega-se a exigir mesas específicas de negociação para empurrar acordos rebaixados a toda a categoria.

Nas últimas rodadas de negociação, esse papel ficou ainda mais nítido. Os banqueiros e o governo concentram as negociações em torno da PLR, deixando a questão do reajuste salarial de lado. As direções, por sua vez, entram nesse jogo e chutam os salários para o escanteio.

PETROLEIROS VÃO À LUTA

Outra categoria de peso que está em plena campanha salarial são os petroleiros, uma das de maior tradição de luta no país. Aqui também se mostra o papel conciliador da direção sindical, representada pela FUP (Federação Única dos Petroleiros), geralmente mais preocupada em proteger o governo que em garantir conquistas à categoria.

Nesta campanha salarial, a direção da Petrobras teve a coragem de propor aos trabalhadores um índice que repõe apenas a inflação. A proposta desconsidera os enormes lucros da empresa no período e a descoberta do pré-sal, com a consequente perspectiva de aumentos consideráveis nos lucros.

Com isso, a FNP (Federação Nacional dos Petroleiros), composta por seis sindicatos e na qual atua também a Conlutas, aprovou greve a partir de 15 de outubro. A entidade exige aumento real nos salários, não às terceirizações e melhoria nas condições de trabalho dos petroleiros, além do fim da discriminação entre trabalhadores da ativa e aposentados.

A FUP, por sua vez, há anos impõe uma política de acordos rebaixados e já tem fama de vender os direitos dos aposentados. Nos últimos anos, tem crescido cada vez mais a diferença com os trabalhadores da ativa.

Conlutas se coloca como alternativa e mostra o caminho

IMPORTANTES VITÓRIAS mostram a diferença de uma direção classista e de luta

Enquanto as principais direções do movimento sindical, como a CUT e a Força, utilizam seu peso para enterrar as lutas e proteger o governo e os patrões, a Conlutas, embora minoritária, aposta na mobilização direta dos trabalhadores e na independência de classe.

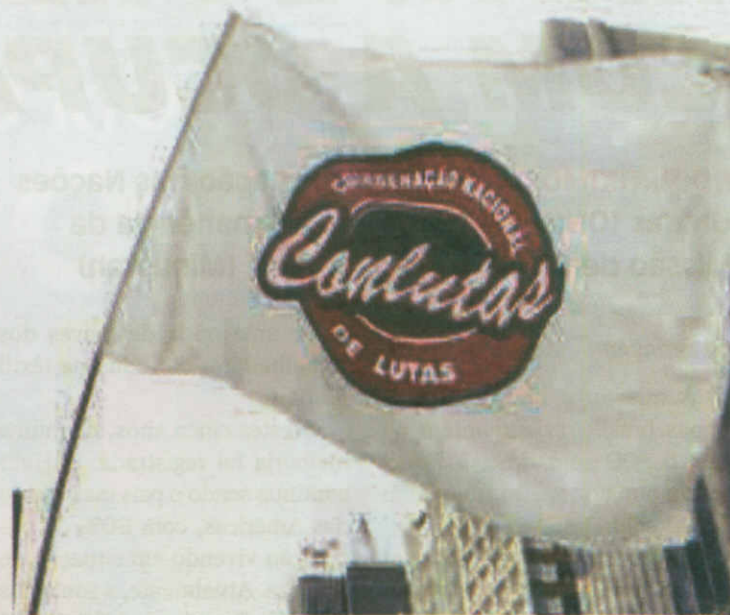
É na prática que se vê a diferença entre essas duas formas de atuação. Recentemente, uma das principais entidades operárias da Conlutas, o Sindicato da Construção Civil de Belém (PA), dirigiu uma das maiores mobilizações da história da categoria. Foi uma greve intensa que agitou a capital paraense e se enfrentou com os patrões do setor e toda a mídia local.

Com a pressão, a greve e a mobilização, os operários arrancaram reajustes que chegam a 8,3%, sendo que os patrões no início aceitavam apenas repor a inflação (4,5%). É o exemplo de que, com luta, os trabalhadores podem arrancar muito mais do que os patrões oferecem.

EM SÃO JOSÉ, O EXEMPLO DA MOBILIZAÇÃO

Os metalúrgicos da GM em São José dos Campos deram outra demonstração da diferença entre uma direção de luta e outra traidora. Após uma campanha salarial com mobilização e paralisações, os operários conquistaram um reajuste muito superior ao da CUT no ABC. Em Taubaté, onde o sindicato cutista impôs o mesmo acordo rebaixado, os operários se revoltaram e não poucos afirmaram que *"nas próximas eleições é Conlutas na cabeça"*.

Agora, o exemplo da campanha vitoriosa dos operários está servindo às outras categorias em luta, como os petroleiros e até mesmo entre os outros setores metalúrgicos da região.

Os metalúrgicos da Embraer, após muitos anos, se mobilizam por reajuste e PLR. Nos dias 1º e 5 de outubro, os trabalhadores da empresa aeronáutica realizaram paralisação de duas horas e aprovaram indicativo de greve. É a primeira grande mobilização em muitos anos.

Por anos, a representação dos trabalhadores foi alvo de disputa entre o Sindicato dos Metalúrgicos e um sindicato artificial sustentado pela CUT e a direção da empresa. No ano passado, finalmente, a entidade da Conlutas derrotou a versão pelega na Justiça, impedindo que a política de conciliação continuasse a ser imposta na Embraer.

O resultado da luta liderada pela Conlutas, diferente do que ocorre com as outras direções, é resultado de sua escolha pela independência de classe e da ação direta dos trabalhadores como forma prioritária de mobilização.

OPOSIÇÕES

Mas não é só nas categorias que dirige que a Conlutas batalha em defesa dos trabalhadores e contra a política traidora do PT, da CUT e similares. O principal trabalho da coordenação é justamente nas categorias dirigidas pelas direções governistas: organizar as oposições, construindo pela base direções alternativas e realmente de luta.

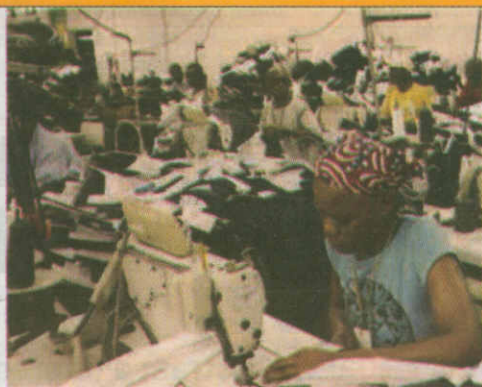
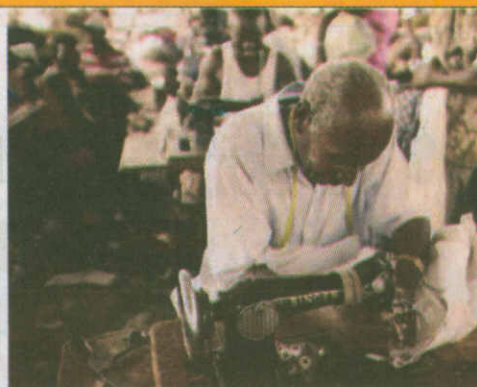
Entre os bancários, a Conlutas atua por meio do Movimento Nacional de Oposição Bancária, que luta hoje contra os acordos rebaixados e em defesa dos bancários das instituições públicas.

Durante toda a campanha salarial nos Correios, atuou com a Oposição Nacional e a base dos trabalhadores da estatal contra o acordo bianual. Em petroleiros, a Conlutas está na FNP em defesa dos direitos e salários da categoria. E é assim em outras categorias, como no funcionalismo.

Reunião da Conlutas chama à unificação das lutas

Realizada entre os dias 2 e 4 de outubro na capital paulista, a reunião da Coordenação Nacional da Conlutas reuniu representantes de entidades e movimentos de diversas regiões do país.

Além da crise econômica internacional, os delegados discutiram as diferentes lutas que se desenvolvem em várias categorias. A Conlutas aprovou impulsionar essas mobilizações, chamando sua unificação e politização. Além de denunciar o governo Lula como responsável, com os patrões, por jogar o peso da crise nas costas dos trabalhadores.

Haitianos no interior de uma fábrica de roupas

Indústria têxtil em Porto Príncipe

Homem trabalha no mercado em Porto Príncipe

Bill Clinton aperta mão de trabalhadores

HAITI: É PRECISO ACABAR COM A OCUPAÇÃO

NO PRÓXIMO DIA 15, a Organização das Nações Unidas (ONU) vai renovar a permanência da Missão de Estabilização do Haiti (Minustah)

DA REDAÇÃO

A missão é liderada pelas tropas brasileiras e mantém no país 6.700 soldados. O Brasil possui o maior contingente, com 1.200 soldados.

As tropas da ONU ocupam militarmente o país desde 2004, após a queda do então presidente, Jean-Bertrand Aristide. Vendida para o mundo como uma suposta "missão humanitária", a serviço da melhoria das condições de vida da população, a ocupação exerce uma imensa opressão sobre a povo. Nestes cinco anos, ocorreram inúmeras denúncias de violação dos direitos humanos pelas tropas estrangeiras que invadiram o país.

REPRESSÃO E MORTES

As tropas da ONU agem como forças de repressão. Defendem os interesses da burguesia do país e do imperialismo norte-americano. Um bom exemplo foram as incursões repressivas realizadas pelos soldados da ONU, ao lado da polícia haitiana, para impedir os protestos do 1° de Maio. As tropas da Minustah também foram acionadas para reprimir a luta do povo haitiano pelo reajuste do salário mínimo, o que resultou em pelo menos duas mortes. Em agosto, os soldados foram novamente acionados para deter uma onda de greves dos trabalhadores da indústria têxtil do país.

Nestes cinco anos, nenhuma melhoria foi registrada. O Haiti continua sendo o país mais pobre das Américas, com 80% da população vivendo em situação de pobreza. Atualmente, a soma das riquezas do país, de US$ 6,137 bilhões, é 245,9 vezes menor que a dívida pública brasileira.

As Nações Unidas gastam cerca de 500 milhões de dólares por ano para manter as tropas no Haiti. Uma quantia mais do que suficiente para resolver os problemais fundamentais de seu povo: energia, alimentos, moradia, educação e emprego.

PLANO DE COLONIZAÇÃO

O plano do imperialismo norte-americano é transformar o Haiti numa verdadeira colônia, aproveitando sua baratíssima mão de obra. Sem a presença militar brasileira, esse plano não seria possível. É a Minustah que assegura a "paz social" para que os trabalhadores do país sigam explorados. Reprime o povo para garantir a vigência do salário mais baixo de todo o continente americano. Além disso, a ocupação militar é fundamental para manter a própria estabilidade no governo do presidente René Préval, que hoje enfrenta desgaste popular.

Para converter o Haiti em uma colônia, o governo dos EUA aprovou uma nova lei que facilita a exportação dos produtos têxteis fabricados pelas maquiladoras instaladas no país. A chamada Lei Hope (Haitian Opportunity for Economic Enhancement) vai dar isenção de impostos às exportações haitianas aos Estados Unidos. Em agosto, o ex-presidente dos EUA Bill Clinton visitou o país e disse que pretende levar uma missão de empresários ainda em outubro. O americano falou sobre a oportunidade de os empresários produzirem cana de açúcar para produção de etanol no Haiti.

Já no final do mês de setembro, uma missão de empresários liderada pela Associação Brasileira da Indústria Têxtil (Abit) visitou o Haiti em busca de novas oportunidades de negócio. Entenda-se, explorar a mão de obra mais barata do continente. A entidade representa um dos setores da economia que mais sofreu com a desvalorização cambial e a concorrência com produtos chineses.

Fernando Pimentel, diretor superintendente da associação, que chefiou a comitiva brasileira, foi claro quanto aos objetivos "nada humanitários" da missão. *"Os trabalhadores haitianos recebem 1,75 dólar por dia e, em outubro, aumentará para 3 dólares por dia, mais 30% de encargos. Se ganhar o prêmio máximo, pode receber 4 dólares mais encargos, ou seja, a mão de obra naquele país é muito barata frente ao salário mínimo brasileiro"*, disse, sem maiores rodeios.

Assim, os empresários brasileiros pretendem utilizar as baratas bases produtivas instaladas no Haiti para exportar seus produtos aos mercados norte-americanos e europeus.

É preciso construir uma ampla mobilização para acabar com a ocupação militar no Haiti, envolvendo o conjunto das entidades sindicais, estudantis, populares, além de organizações de defesa dos direitos humanos. O caminho para impedir a renovação é a denúncia da vergonhosa ação praticada pelo governo Lula contra o povo haitiano.

ENTIDADES LANÇAM CARTILHA

Já foram impressas 20 mil cópias

Depois de realizar duas caravanas de solidariedade ativa com sindicalistas e ativistas dos movimentos sociais, a Conlutas quer dar sequência à campanha contra a ocupação do Haiti, através de uma série de atividades.

Além de atos e protestos, a entidade está produzindo uma cartilha com o Jubileu Sul que será utilizada como forma de propaganda sobre o tema. Na primeira impressão, foram feitas cerca de 20 mil cópias.

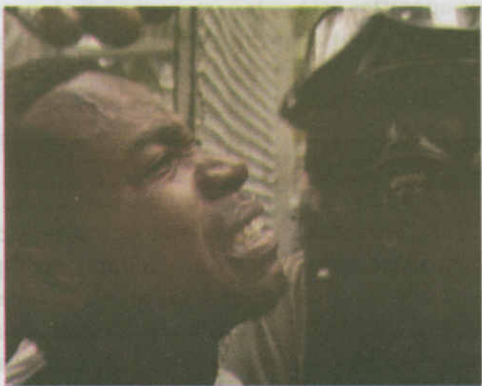
O objetivo também é furar o bloqueio da mídia sobre os crimes cometidos pelas tropas ocupantes. Além de levar o debate às campanhas salariais, as entidades pretendem intensificar o trabalho em alguns setores em particular, a começar pelas entidades do movimento negro e os estudantes. O sindicato de professores universitários, o Andes-SN, também vai distribuir a seus associados.

PROTESTO NO RIO EXIGE SAÍDA DAS TROPAS DO HAITI

Comitê de solidariedade ao povo haitiano fez ato em frente ao Itamaraty, no Rio de Janeiro

O Comitê Rio de Solidariedade ao povo haitiano realizou um ato no Palácio Itamaraty, no último dia 5. Uma carta contra a renovação da presença das tropas brasileiras no Haiti foi entregue ao órgão.

Em seguida, às 16h, houve um protesto cultural movido a hip hop, em solidariedade ao povo haitiano.

Ministro das Relações Exteriores e embaixador brasileiro atravessam a base da Minustah em Porto Príncipe

Estudante é agredido nos protestos que exigiam aumento do salário mínimo, mudança no currículo e partida das tropas da ONU

Barricadas dos protestos em Porto Príncipe que exigiam o aumento do salário mínimo. Os atos sofreram dura repressão

Estudante é detido em Porto Príncipe. Alunos de várias escolas entraram em confronto com a polícia